

A Identidade dos Povos Indígenas na Mídia: um Comparativo da Cobertura de G1 de Carta Capital no Acampamento Terra Livre 2017¹

Mylena Rodrigues ACOSTA²

Fábio da Souza CRUZ³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo examinar notícias dos portais G1 e Carta Capital sobre o Acampamento Terra Livre do ano de 2017, buscando analisar maneiras de produção e reprodução da cultura da mídia sobre simbologias que estereotipam a imagem dos povos indígenas no Brasil. Para tanto serão utilizados os conceitos dos estudos de Douglas Kellner (2001), John B. Thompson (2011), Kathryn Woodward (2014), além de outros autores que irão contribuir com a perspectiva das lutas de diversidade e etnia, em específico a dos povos originários.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Sociedade; Cultura; Povos Indígenas; Identidade

1.Introdução

Compreender a modernidade como momento em que as relações entre as manifestações artísticas aproximam-se possibilita, discutir as fronteiras estabelecidas entre cultura e sociedade. Quando relativizado com a história do país, a temática ganha um tom de curiosidade e investigação, visto que estamos falando dos nossos antepassados. Os povos originários são parte constituinte do descobrimento do Brasil, mas não são valorizados nas aulas em escolas, muito menos em materiais curriculares.

O que falaremos aqui é: de que forma a mídia vira palco para discussões sobre essa temática? Há espaço para movimentos sociais que sejam retratados de maneira legítima? Ou são apenas retratados de acordo com os interesses dos veículos de comunicação e suas relações de poder?

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduada do Curso de Jornalismo da UFPel, e-mail: mylenara1998@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPel, e-mail: fabiosouzadacruz@gmail.com

Para tanto a análise será feita sobre o Acampamento Terra Livre, uma das maiores manifestações de lideranças indígenas do Brasil.

A intenção desse trabalho é poder contribuir com a área acadêmica e levantar questionamentos sobre a temática indígena, que foi/é primordial para a construção da nossa identidade até o momento. Acredita-se que o jornalismo é uma das maneiras de transformar o cenário social e promover o olhar para os grupos oprimidos por meio da conjuntura hegemônica. Desta forma, o referencial teórico do presente trabalho será composto por Kathryn Woodward (2014) e Douglas Kellner (2011) que irá introduzir os conceitos de cultura da mídia. Os veículos escolhidos para a análise foram G1 - O portal de notícias da Globo e Carta Capital, visto que possuem ideologias divergentes.

2. Um Olhar Sobre o Empírico e as Questões de Identidade

A veiculação de conteúdo na mídia sobre identidade, representações e movimentos sociais é o que, de alguma maneira, forma a construção da opinião na esfera pública e faz com que os grupos que estão sendo pautados, sejam associados a assuntos que constroem e consolidam a sua própria identidade. O envolvimento da mídia tradicional brasileira nas questões de identidade e disseminação de estereótipos, relacionados às figuras que fazem parte de determinado contexto, é apresentado com abordagens e linguagens pertencentes à ideologia dos veículos de comunicação.

O espaço de destaque ocupado pela imprensa na formação da esfera pública, bem como a globalização e suas consequências, possibilita com que a homogeneidade cultural, efeito do mercado global, resulte em um distanciamento da identidade de comunidades e culturas locais (WOODWARD,1997). A mídia como espaço de exposição de ideias, conhecimentos e informações, faz com que o indivíduo forme a opinião do que o outro é. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), esse fenômeno chama-se diferença.

Mesmo a criação dos conceitos de identidade e diferença serem paralelos, ambas são concomitantes em diversos pontos, principalmente no que se diz respeito ao resultado do processo de produção simbólica e discursiva. O que as distingue simetricamente é o meio pela qual são produzidas. A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita às relações de poder.

Não se trata apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença é um objeto de disputa entre grupos sociais. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por direitos e reconhecimentos perante a sociedade. De alguma maneira, em termos geográficos, os descobrimentos territoriais e a migração fazem com que essa pluralidade de identidades gere uma espécie de contestação sobre sua própria afirmação. Essa hibridização de identidades e os processos de construção, pode ser explicada por Stuart Hall (2006) ao dizer que existem algumas identidades que gravitam ao redor da chamada “tradição”, tentando recuperar a pureza e as características que foram perdidas.

Uma boa parte da bagagem criada em relação a identidade indígena é fruto da educação recebida no ensino fundamental, quando estuda-se o “descobrimento do Brasil” e atrela-se os povos indígenas ao passado, mas, na verdade, é a partir deles que começamos a construir a história e os traços do nosso país. Clarisse Cohn (2001) destaca que os traços culturais podem ser perdidos e levados a aculturação, ou seja, um processo regressivo de perda cultural, a qual os povos nativos de todo o mundo estão sujeitos, resultando na preocupação com o desaparecimento da diversidade cultural.

O maior questionamento é se o discurso midiático, como palco da crítica ao cenário vigente a fim de eliminar o consenso não resultante do debate público, e o jornalismo, como instrumento de disseminação de informações que fornece subsídios para debates na esfera pública, estão interessados em promover essa diversidade cultural e permitir que o assunto seja pautado nos espaços comuns.

3. Como é Construída a Identidade dos Povos Indígenas

A construção da identidade indígena é parte de uma série de denominações advindas do contexto histórico e hibridismo de povos e culturas. Citando Gersem dos Santos Luciano (2006), é possível entender como essas transformações ⁴e fusões

⁴ Como comentado anteriormente, o hibridismo cultural que ocorreu a partir do contato com os colonizadores europeus, resultou em diversas modificações nas culturas dos povos indígenas, uma vez que dentro das etnias se operaram importantes processos de mudança sociocultural. No início do contato, apesar de serem uma maioria local adaptada culturalmente ao meio em que habitavam, não contavam com uma experiência prévia de intensas relações interétnicas e com os impactos provocados pela violência dos agentes de colonização, que foram por demais severos. Foram anos de dominação e, em que pesem as profecias de extinção definitiva dos povos indígenas no território brasileiro. (LUCIANO,2006)

influenciaram nesse processo. Nesse ponto, Tomaz Tadeu da Silva (2000) destaca que esse processo de produção de identidade oscila de duas maneiras: de um lado, estão os processos que tendem a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e lingüísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade (SILVA, 2000).

O reconhecimento da cidadania indígena brasileira e, conseqüentemente, a valorização das culturas indígenas possibilitaram uma nova consciência étnica dos povos indígenas do Brasil. Ser tratado como sujeito de direito na sociedade é um marco na história indígena brasileira, ocasionando conquistas políticas, culturais, econômicas e sociais. Esse reconhecimento impacta diretamente a construção de identidade, que nesse caso pode ser tanto simbólica quanto social, estando diretamente associada à relação de poder. Kathryn Woodward (2000) explica que a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam têm causas e conseqüências.

“Elas não só são definidas como também impostas, elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. A identidade e diferença estão, pois, em estreita conexão com a relação de poder: o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (WOODWARD, 2000)

A construção da identidade dos povos indígenas envolve uma série de crenças e rituais milenares, que devido sua organização social, foram planejadas para serem repassadas de geração em geração. Os chamados ritos de passagem⁵ nada mais são que cerimônias que marcam a mudança realizada por algum indivíduo ou um grupo.

4. Como a Mídia Constrói a Identidade dos Povos Indígenas

Woodward (2000) enfatiza que é através dos significados produzidos a partir das representações que damos sentido à vida, pois a representação inclui “práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos”.

⁵ Conceito retirado do site Museu do Índio. Disponível em <<https://www.museudoindio.org.br/rituais-indigenas/>>

Complementando esse pensamento, Hall (2003) disserta que “as pessoas que trabalham na mídia produzem, reproduzem e transformam o próprio campo da representação ideológica”.

Desde o início é importante destacar que quando estamos falando de identidade indígena não estamos dizendo que exista uma identidade indígena genérica de fato, estamos falando de uma identidade política-simbólica que articula, visibiliza e acentua as identidades étnicas de fato (LUCIANO,2006). Nesse momento, falaremos sobre as representações sociais dos povos indígenas na mídia, ou seja, como sua identidade é criada pela mídia. O conceito de representações sociais é apresentado por Pedrinho Guareschi (2000) da seguinte maneira:

[...] podem ser compreendidas como um conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado, que se vê nas mentes das pessoas e na mídia, nos bares e nas esquinas, nos comentários das rádios e TVs. São um conhecimento, mas diferente do conhecimento científico, que é reificado e fundamentalmente cognitivo. (GUARESCHI,2000)

O que se quer dizer com o caso citado acima, é de que, a imagem passada pela mídia, e no veículo em específico, foi a de deslegitimação do movimento indígena. Principalmente no que se diz respeito às terras e os recursos naturais, que são tidos como algo que faz parte da cultura característica desse povo. Nesse caso, a perda de identidade se dá pela fragilidade que o movimento indígena possuía na época e pela relação de poder estabelecida com a indústria.

Na mídia e veículos de comunicação em geral, ainda é muito presente a simbologia de artefatos, como cocares, penas e flechas, associadas aos indígenas para a construção de sua identidade. Em uma busca rápida por em um buscador online, ao colocar a palavra “indígenas”, as notícias relacionadas são sobre violência, demarcação de terra ou saúde. A explicação para tal fato pode ser explicado da seguinte maneira:

Tradicionalmente marginalizado, o indígena, que não se enquadra no quesito formato do produto notícia destas empresas jornalísticas, torna-se um incômodo para estes veículos de informação, já que a realidade destes povos contesta o estilo padrão de generalização e desafia a capacidade habitual de resumo destes jornalistas. Por isso, na ótica desses profissionais, em muitos casos, restringir às fontes, especialmente a fontes oficiais, mesmo não tendo prova da sua confiabilidade, é a solução melhor. (SOUSA, 2008)

Dessa maneira, a construção da identidade dos povos indígenas por parte da mídia está diretamente relacionada à uma incessante repetição de enunciados que estereotipam

o movimento indígena em si. É inegável que a construção e fixação da identidade por parte dos veículos de comunicação é baseada na relação de poder e interesses sociopolíticos, em conformidade com a ideologia de cada veículo.

5. Análises

Os materiais que servirão de base para as análises deste trabalho tratam-se de duas notícias, publicadas em dois portais online distintos - e com linhas editoriais específicas -, sobre o mesmo movimento social. As matérias são relacionadas ao “Acampamento Terra Livre 2017” e retrataram de que maneira o movimento foi veiculado à mídia.

A primeira notícia escolhida para análise é a do site “G1 – O Portal de Notícias da Globo”, intitulada “Índios fecham Esplanada e entram em conflito com PM em ato de demarcação”. O outro site escolhido para o trabalho foi a “Carta Capital”, uma revista eletrônica, com a seguinte chamada: “Jovem resistência indígena vai enterrar os velhos ruralistas”.

5.1. Metodologia

Com o objetivo de identificar processos, conflitos e contradições envolvidos na análises, será utilizado o método dialético na presente pesquisa. Considera-se esse método por ser de cunho ideológico, analisando o discurso e contextualizando os conteúdos afim de saber o porquê de determinado resultado, que segundo Gil “estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.” (GIL, 2008, p. 14).

Também será o método comparativo, a fim de analisar os veículos G1, Portal de Notícias e Carta Capital, construindo um conhecimento sobre os mesmos, identificando semelhanças e diferenças, modelos e tipologias, transformações, linguagens e abordagens. O trabalho trará uma pesquisa observacional a fim de mostrar resultados mais específicos, de acordo com o aporte teórico-metodológico já mencionado.

5.2 Técnicas de Pesquisa Utilizadas

Na primeira etapa, foram selecionadas as literaturas que auxiliaram no processo de composição do referencial bibliográfico, a partir das contribuições de autores e autoras sobre cultura da mídia, relação da mídia com os indivíduos e identidades. Também foram

selecionados autores que abordam a temática indígena afim de contextualizar o cenário em que o objeto está inserido e de que forma o tema é relevante perante a sociedade.

O próximo passo foi a seleção das notícias trabalhadas nas análises. Além da repercussão em veículos de comunicação de com credibilidade no meio online e a facilidade para acesso aos conteúdos, a escolha se deu pela forma como o principal movimento de mobilização indígena do país foi noticiado em portais diferentes, com objetivos diferentes. A pesquisa foi realizada do período de 17 de abril a 4 de maio, ou seja, uma semana antes e uma semana depois do período do ATL 2017.

Esse período foi escolhido com a intenção de observar se os veículos estavam inteirando o público sobre o assunto antes mesmo dele acontecer -visto que o evento possui data programada- e qual a reprodução do evento após ter ocorrido.

A etapa final será a de analisar as notícias com base no aporte teórico-metodológico relacionado à crítica da mídia, de Douglas Kellner, quando serão trabalhadas as categorias de horizonte social, campo discursivo e ação figural, afim de observar as especificações dos materiais fornecidos.

5.3 O Acampamento Terra Livre

O Acampamento Terra Livre (ATL), realizado desde 2004, anualmente reúne lideranças indígenas em uma mobilização nacional para tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado brasileiro o atendimento das demandas e reivindicações desses povos. O movimento é promovido pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). Durante o período do acampamento, acontecem palestras, marchas, atos públicos, audiências com autoridades do Legislativo, Executivo e Judiciário, além de grupos de discussão e atividades culturais.

No ano de 2017, mais de quatro mil indígenas reuniram-se em Brasília, em frente ao Planalto Central, concretizando o 14º Acampamento Terra Livre como uma das maiores mobilizações indígenas dos últimos tempos, um dos motivos pelos quais a edição foi escolhida para análise do presente trabalho. Na pauta estavam os seguintes temas: paralisação das demarcações de terra, enfraquecimento das instituições e políticas indigenistas, iniciativas anti-indígenas que tramitam no Congresso, além da tese do “Marco Temporal”, na qual só são consideradas Terras Indígenas as áreas que estavam sob posse das comunidades na data de promulgação da Constituição (5/10/1988).

5.4.1 “Índios fecham Esplanada e entram em conflito com PM em ato de demarcação”, matéria de G1

Publicada no dia 25 de abril de 2017, a notícia possui o título “Índios fecham Esplanada e entram em conflito com PM em ato de demarcação”, com a seguinte linha de apoio: “Grupo ocupou espelho d'água do Congresso, e PM reagiu com bombas, spray e balas de borracha. Indígenas revidaram com flechas, e quatro foram detidos; veja vídeos.” é assinada por G1 DF, e contém 2.769 caracteres.

Nota-se que no título, nem na linha de apoio é mencionado o ATL, que é um movimento indígena e não um simples ato. A matéria começa com um vídeo recortado do “Jornal Nacional”, programa jornalístico da emissora Globo, onde a âncora narra as imagens que estão sendo passadas. Posteriormente são reunidas informações geográficas e de horário da situação ocorrida, citada no título. Segundo a reportagem, “por volta das 15h30, os índios desceram correndo o gramado em frente ao Congresso e foram impedidos por policiais da Tropa de Choque de acessar a entrada que dá acesso à Câmara e ao Senado.” Em seguida está uma imagem de um índio, apontando uma flecha, em direção à um policial, que está apontando uma arma, em direção ao índio.

O próximo parágrafo é caracterizado pela divergência de informações do número de participantes, sendo 2 mil contabilizados pela Polícia Militar, e 3,4mil pela organização do ainda, durante a reportagem, denominado “ato”. Para impedir que os indígenas fossem em direção ao prédio, a PM utilizou balas de borracha e spray de pimenta, e em resposta, segundo a reportagem, os indígenas atiraram flechas contra militares em direção ao Congresso.

Posteriormente é veiculado outro vídeo, com duração de 1 minuto e 25 segundos, também retornado de um telejornal da emissora Globo, onde são utilizados termos como “os policiais estavam fugindo dos índios... que estavam armados com flechas”. O que remete a sensação de que os policiais, mesmo com seu armamento, não possuiriam força suficiente para combater os índios manifestantes. O próximo item é outra imagem, dessa vez com um nuvens causadas pelo gás de pimenta.

O seguinte parágrafo possui o seguinte trecho: “Mais numerosos do que os policiais, os manifestantes conseguiram furar o bloqueio e começaram a pular dentro do espelho d'água. Caixões de papel foram jogados no gramado e também na água.” E apenas

nesse momento, é dito o motivo pelo qual o manifesto está acontecendo: protesto contra o governo do presidente Michel Temer e reivindicação do avanço na demarcação de terras indígenas.

Depois de mais da metade da matéria, a reportagem cita o 14º Acampamento Terra Livre, caracterizando como uma reunião de “índios de diferentes etnias” em Brasília, com o objetivo de “pedir mais respeito à natureza e à demarcação de terras”. Além desses objetivos, não foram citados nenhum outro. Apesar do evento já estar programado, com data inicial e final, o Portal utiliza a expressão “o evento deve se estender até a próxima sexta-feira (28). Nesse momento também é citada a Apib como organizadora da manifestação.

O próximo parágrafo utiliza a palavra “confronto” para caracterizar a manifestação social, e registrou o bloqueio do trânsito. Quase no final da matéria, o último vídeo é veiculado. Dessa vez, o depoimento de uma das lideranças indígenas, gravado em 48 segundos, com solicitação para que policiais soltem quatro índios que foram detidos, e caracterizando o movimento como pacífico. No final de sua fala, Hawaty Tuxá, do norte da Bahia, fala a seguinte frase: “Chega de pressão, chega de opressão. Queremos que eles soltem os quatro indígenas que estão detidos. Nosso movimento é pacífico e simbólico. É a polícia que quer massacrar os índios com ordem desse Congresso”.

O penúltimo parágrafo, é caracterizado pelo depoimento de uma pessoa, nesse caso um taxista, que não estava fazendo parte da manifestação, mas não pode buscar um passageiro no Supremo Tribunal Federal. Esse depoimento gera a sensação de que, os povos indígenas estão impedindo trabalhadores de cumprirem suas tarefas. O que pode causar um efeito negativo no leitor. A reportagem encerra com uma imagem aérea e o horário final do manifesto.

5.4.2 “Jovem resistência indígena vai enterrar os velhos ruralistas”, da Carta Capital

Com sua publicação feita no dia 02 de maio de 2017, período posterior ao do ATL, a notícia “Jovem resistência indígena vai enterrar os velhos ruralistas” foi veiculada no site da Carta Capital, na seção de Opinião e assinada por Filipe Milanez. A linha de apoio Acampamento Terra Livre, em Brasília, liderado por uma nova geração, foi uma das

maiores mobilizações indígenas da história. Destaca-se o termo “resistência” utilizado pelo veículo, para caracterizar a manifestação.

A primeira imagem, é a de um índio com as costas escritas a frase “Fora Temer”, carregando um flecha, e olhando em direção ao Planalto Central. Por estar na seção de Opinião, o texto carrega um cunho um tanto quanto literal, mas é iniciado citando que as bombas e fumaça de gás lacrimogênio “não foram suficientes para abafar os gritos de guerra [...], nem tiraram o fôlego de quem corria pelos gramados da Esplanada. Posteriormente, Filipe Milanez, fala que estava na manifestação e acompanhou tudo de perto, o que dá credibilidade para a reportagem. Além disso, nesse parágrafo, Filipe utiliza a expressão “Ministério da (in)Justiça” para caracterizar onde o movimento estava acontecendo.

No próximo parágrafo é citado algo relacionado à cultura indígena, que caracteriza seus povos: são os sons. “Do carro de som ecoavam cantos xamânicos, cantos de força espiritual e de proteção, cantos para pacificar os inimigos. Eram velhos xamãs marchando ao lado de jovens guerreiras e guerreiros; avôs e avós de braços dados com seus netos e netas.” Ao trazer essa referência, o texto se torna mais caracterizado, envolvendo a identidade indígena.

No trecho seguinte os momentos de violência são trazidos, e direcionados ao governo de Michel Temer. “Com bombas, bala e cassetetes, as agressões físicas do governo Temer não intimidaram quem pertence a essa terra. Apenas serviu para mobilizar e engajar ainda mais a jovem resistência reunida em Brasília.” Logo há o depoimento de Sonia Guajajara, secretária-executiva da Apib, em entrevista a Daiara Tukano, da Rádio Yandé, num vídeo que bombou de visualizações nas redes sociais. “A luta é nossa e não vamos recuar”, completou, na entrevista disponível na página da Yandé no Facebook. Ao utilizar o depoimento da secretária-executiva da Apib, a matéria ganha maior credibilidade, visto que uma autoridade está sendo entrevistada.

Os parágrafos seguintes são carregados de entrevistas com lideranças indígenas e depoimentos dos participantes do ATL 2017. Filipe, aborda nessa matéria, o movimento feminista indígena: as mulheres de Roraima, Yamarikumã, que possuem apoio da ONU. É interessante analisar o paralelo traçado com as questões de gênero nesse momento, visto que a maioria das lideranças indígenas são homens mais velhos, geralmente caciques que estão no comando de sua aldeia há um tempo.

Dessa maneira, a matéria é encerrada. As etapas dos fatos contados carregam muitas características e buscam legitimar a luta dos povos indígenas. A narrativa é cronológica e os elementos condizentes com os fatos. O verdadeiro objetivo das lideranças indígenas em reunir manifestantes para falar de seus direitos e expor suas dificuldades quanto cidadãos reconhecidos perante a lei.

5.5 Análises

Para as análises, utilizaremos os pressupostos de Kellner (2001), que criou as seguintes categorias: horizonte social, campo discursivo e ação figural- uma forma de analisar situações apresentadas no cenário em vigência proposto pela mídia. Essas categorias serão descritas a seguir por Fábio de Souza Cruz:

Horizonte social diz respeito às múltiplas relações, às práticas e experiências que se desenvolvem dentro do campo social, e que acabam, desta forma, por contextualizar o local, a época e o cenário em que se dá a produção da cultura da mídia. O campo discursivo contempla as mediações, onde estão presentes todos os elementos (incluindo, aqui, os atores hegemônicos e contra-hegemônicos, dominantes e dominados, superiores e inferiores) envolvidos no discurso dos veículos de comunicação de massa. Já a ação figural implica mostrar os desdobramentos sociais de acordo com o horizonte social e o campo discursivo. (SOUZA,2012)

Analisando inicialmente de acordo com a conceituação de horizonte social, observa-se a maneira que o Acampamento Terra Livre está inserido no contexto de diferentes atores sociais. O ATL 2017 foi uma das maiores mobilizações indígenas, e que anualmente, ocorre em um lugar muito significativo para a área política do país: o Senado, em Brasília. Durante cerca de cinco dias, índios ocupam as terras do local e acampam, demonstrando que estão ali para ficar, ou seja, reivindicar seus direitos que foram perdidos ao longo da colonização do Brasil. Reunindo cerca de 4 mil indígenas, no mês de abril (mês em que se comemora o Dia do Índio), o movimento é organizado pela Apib, uma entidade que reúne representantes de todos os cantos do Brasil em benefício da articulação para manifesto dos seus direitos.

Em paralelo com o cenário externo, no Legislativo, são cada vez mais frontais os ataques aos direitos fundamentais dos povos indígenas, orquestrados por um Congresso Nacional dominado por interesses privados imediatistas e contrários a interesse público, como o agronegócio, a mineração, as empreiteiras, setores industriais e outros oligopólios

nacionais e internacionais. Projetos de lei e demais proposições legislativas violadoras dos nossos direitos originários e dos direitos das demais populações tradicionais e do campo, que tramitam sem qualquer consulta ou debate junto às instâncias representativas, tais como a PEC 215/2000⁶, a PEC 9187/2016⁷, o PL 1610/1996⁸, o PL 3729/2004⁹ e outras iniciativas declaradamente anti-indígenas.

Diante deste cenário, no campo discurso estão inseridos os movimentos em defesa dos povos indígenas, as organizações que lutam contra as pautas de etnicidade e diversidade, o Congresso Nacional bem como o Polícia Militar, as lideranças dos povos indígenas, o governo do presidente Michel Temer, representado por sua figura, as equipes de jornalismo de G1 e Carta Capital, além de editores, cinegrafistas, funcionários e leitores.

Visto que os agentes presentes no campo discursivo, são construtores diretos de elementos que estruturam e fortaleçam o movimento, é possível observar o papel importante que cada um dos citados acima possui. Analisando criticamente, observa-se a falta de preparo por alguns profissionais para lidar com as questões de diversidade e etnicidade, o que é perturbador, visto que o Brasil é um dos países caracterizados pela miscigenação. Não há, espaço para debates, explanações ou qualquer tipo de manifestação que seja, afim de contemplar os movimentos sociais. A articulação de todos estes agentes passa pelas significações dos também agentes discursivos da mídia, aqui representados pelas notícias G1 e Carta Maior. Permeados por questões econômicas e ideológicas, os dois são distintos nos momentos de abordagem das temáticas. Enquanto o Portal G1 utiliza termos pejorativos para tratar das manifestações, e está observando o ATL “do lado de fora”, a Carta Capital aborda a temática de modo a estar inserida no

⁶ Tem como objetivo transferir do Executivo para o Legislativo a palavra final sobre a demarcação de terras indígenas. Retirado de <<https://www.cartacapital.com.br/politica/pec-215-e-aprovada-em-comissao-da-camara-quais-os-proximos-passos-6520.html>>

⁷ Busca acrescentar parágrafo de autorização expressa a atividades agropecuárias e florestais nas terras indígenas. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/566516-pec-que-preve-exploracao-economica-de-terras-indigenas-e-inconstitucional-afirma-mpf-em-nota-tecnica>>

⁸ Dispõe sobre a exploração e o aproveitamento de recursos minerais em Terras Indígenas. Disponível em <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/mineracao-em-terras-indigenas>>

⁹ Dispensa de licenciamento para atividades agropecuárias, a criação do licenciamento autodeclaratório e a flexibilização das exigências ambientais em todo país. Disponível em <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/carta-publica-aponta-por-que-pl-que-desmonta-o-licenciamento-ambiental-no-brasil-nao-pode-ser-aprovado>>

contexto e deixo isso claro em sua reportagem. Evidentemente, o G1 é o portal referência em relação às notícias e informações, principalmente por estar ligado à rede Globo. Já a Carta Capital, possui um outro tipo de alcance de público.

Vale ressaltar que os princípios editoriais de ambos são diferentes em alguns pontos, o que reflete na distinção da cobertura jornalística feita pelos mesmos sobre determinado fato. Na linha editorial do Grupo Globo, fundado em 1925, por Irineu Marinho, “as empresas jornalísticas das Organizações Globo ¹⁰[hoje Grupo Globo], comandadas por quase oito décadas por Roberto Marinho, agem de acordo com princípios que as conduziram a posições de grande sucesso: o êxito é decorrência direta do bom jornalismo que praticam”. Além disso, a “isenção”, a “correção” e a “agilidade” são alguns dos elementos da informação de qualidade para os veículos jornalísticos da Globo. Já a Carta Capital possui seus princípios editoriais alinhados, entre outras coisas, com a igualdade como um dos pilares ideológicos, acima de outros fatores de ordem cultural, moral e religioso.

As constatações relacionadas aos aspectos de produção de cada veículo de comunicação mencionado, tem como objetivo situar cada um em campo discursivo único, mesmo que o público atingido seja distinto. O que se quer dizer é que as consequências de cada tipo de discurso geram desdobramentos que nesse caso são classificados, segundo Douglas Kellner (2011) como ação figural.

As palavras utilizadas pela matéria publicada no portal de notícias G1 incitam diretamente à violência, fazendo com o que a manifestação seja rotulada dessa maneira por quem está lendo. Além disso, o Acampamento Terra Livre 2017, é citado apenas no final da matéria, sendo ele o movimento social principal que cerne os acontecimentos ali relatados. Outro ponto importante a se destacar são os recursos visuais utilizados, sejam os vídeos ou imagens, que tentam agregar algo palpável ao seu público.

Ainda assim, os recursos de linguagem - narrativa voltada para o jornalismo literário- e visuais utilizados pela Carta Capital, conseguiram fazer com que o momento se torna-se mais real do lado de quem estava realizando a manifestação, ou seja, os povos

¹⁰Trecho retirado dos “Princípios editoriais do Grupo Globo”. Disponível em <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>

indígenas. Para tanto, conclui-se que os depoimentos e entrevistados escolhidos para retratar a manifestação, distingue o objetivo ideológico de cada veículo.

A preocupação da Carta Capital em buscar fontes indígenas, participantes do movimento, foi o extremo do ocorrido com o G1, que inclusive incluiu o depoimento de um taxista de fora do manifesto. Talvez aquele espaço pudesse ser destinado para algo mais específico do movimento, que não foi citado ao longo do texto.

Mesmo com a diferença de data entre uma publicação e outra, a notícia pelo viés da Carta Capital, é uma versão mais extensa no espaço online e tem um número maior de fontes consultadas do que a matéria publicada no G1. Na cobertura feita pela Carta Capital, é notável a intenção de aprofundamento do tema e o levantamento de questões importante para o fortalecimento da luta indígena, como por exemplo a citação sobre o movimento feminista dentro do ATL 2017, uma espécie de união entre causas de gênero e etnia.

6. Considerações Finais

Com o objetivo de analisar a maneira que os discursos veiculados na mídia influenciam a representação dos povos indígenas perante o senso comum, o presente trabalho utilizou como base os Estudos Culturais, inserindo conceitos de identidade e ideologia para apresentar o contexto da temática. As matérias selecionadas para tal pesquisa, possibilitam a percepção de práticas jornalísticas em abordagens sobre grupos não- dominantes, inseridos na temática de diversidade e etnicidade.

O viés das reportagens gera uma percepção diferente de acordo com o veículo escolhido para leitura. As técnicas de linguagem e audiovisual são aplicadas de acordo com a ideologia e o objetivo de cada cobertura jornalística feita. Além disso, o afastamento do factual no Acampamento Terra Livre 2017, pode causar a sensação de deslegitimação do movimento ao reivindicar seus direitos, visto que o viés abordado incita atos de violência contra e com os povos indígenas.

A carência de espaços para discussão e preparo dos jornalistas para abordar esses questionamentos, faz com que a luta dos povos originários seja colocada em segundo plano no contexto sociocultural e político do país, o que é no mínimo contraditório, visto que esses povos habitavam as terras brasileiras quando o país foi descoberto, ou seja, eram os donos das terras.

Outro ponto que enfraquece a luta indígena, são os Projetos de Lei sobre demarcações de terra, algo que seria seu por direito. Essa apropriação das terras indígenas por grupos diretamente ligados ao Poder, torna a comunicação um tanto quanto frágil, já que a pauta torna-se algo relacionado à sobrevivência.

Um aspecto a salientar é a problematização da ideia especulativa sobre diversidade cultural – citada a partir de perspectivas que divulgam atitudes de tolerância frente a algo tomado como natural, como por exemplo os objetos simbólicos utilizados pelos povos. O trabalho ainda mostra a discurso vazio de tolerância para com a diversidade, ressaltando a superficialidade nas culturas que exaltam o exótico.

Por sua vez, o campo dos Estudos Culturais favorece o desenvolvimento de análises críticas, que tem como foco as desigualdades, as relações de poder, as práticas representacionais e as políticas públicas. Esses espaços devem ser ocupados para enaltecer a luta das minorias e procurar entender sob qual perspectiva a mídia e o cenário comunicacional buscam perpetuar informações para as futuras gerações.

7. Referências Bibliográficas

- COHN, CLARICE. **Culturas em transformação: os índios e a civilização**. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 15, n. 2, p. 36-42, Apr. 2001
- CRUZ, Fábio Souza da. **A responsabilidade social da mídia tradicional brasileira e os direitos humanos: tensionamentos, problematizações e a busca de novos caminhos em tempos de globalização neoliberal**. Razón y Palabra. Número 78 Noviembre 2011 – enero 2012
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e mst. Impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia e Democracia: o Quarto versus o Quinto Poder**. Revista Debates. Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, jul.-dez. 2007.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo, 2001
- SANTILLI, Marcio. **Povos Indígenas no Brasil - 1997/88/89/90**. p. 9 -28. Aconteceu Especial 18. Centro Ecumênico de Documentação e Informação. São Paulo, 1991.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SOUSA, Hariadina Salveano. **A abordagem da questão indígena no jornal impresso: etnia pitaguary no Jornal O Povo**. Fortaleza - CE. 2009.